

# CULTURA INDÍGENA DE RORAIMA EM BUSCA DE IDENTIDADE

*Valdemir Filef dos Santos<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo aborda questões relativas à formação do espaço territorial de Roraima destacando de início a investida religiosa dos europeus para com os indígenas como um método dominador do espaço. Mostra a influência dos não-índios na formação da identidade dos povos indígenas do estado de Roraima mencionando o papel da educação, da religião e do mundo globalizado. Fez-se uma revisão da maneira como os portugueses se utilizaram da evangelização para explorar a mão de obra nativa e até dizimá-los durante o período colonial e, por último, um paralelo com a evangelização a partir do século XX disputada por católicos e protestantes “a fim de ganhar as almas indígenas”. Também destacou pontos fundamentais da cultura destes povos que foi abalada, principalmente, pela ideologia católica e protestante, bem como pelos poderes político-econômicos do estado.

**Palavras-chave:** *Espaço, Identidade, Cultura e Religião*

**ABSTRACT:** This article discusses issues relating to the formation of the territorial area of Roraima highlighting the start of Europeans towards appointing religious the natives as a domineering method of space. Shows the influence of non-Indians in the formation of the identity of indigenous peoples in the State of Roraima mentioning the role of education, religion and the globalised world. Made a review of the way the Portuguese used of evangelization to exploit native labor and hand to annihilate them during the colonial period and finally a parallel with the evangelization from the twentieth century held by Catholics and Protestants “in order to win souls indigenous”. Also highlighted key points of culture of these people being shaken, mainly, by the Protestant and Catholic ideology, as well as by the economic and political powers of the State.

**Keywords:** *Space, Identity, Culture and Religion*

## INTRODUÇÃO

A discussão em torno da ocupação do espaço e da formação da identidade brasileira sob influência portuguesa através da fé católica tem sido abordada por diferentes autores. Nesta pesquisa, apresenta-se uma visão panorâmica de forma sucinta da presença dos colonizadores no estado de Roraima e suas intenções quanto à formação dos nativos para usufruírem desses povos em prol de interesses econômicos da Coroa portuguesa. Para este breve relato utilizou-se a obra de Maxim Repetto (2008). Ainda com o mesmo autor foi possível fazer um paralelo das questões religiosas praticada pela Igreja Católica no período colonial e com as mudanças destas práticas ocorridas no século XX em diante e também das Igrejas Protestantes disputando o espaço ideológico nas “mentes dos indígenas”. Logo de início, foram necessárias algumas considerações de conceito de espaço, no qual Lenyra Silva (1991) se encarrega de esclarecer que o mesmo está em constante desenvolvimento e é modificado de acordo com as relações sociais.

Tendo em vista o modelo dominador dos portugueses bem como sua característica generalizada, utilizou-se a obra *Índios Cristãos*, de Almir Diniz de Carvalho Junior (2005), para ter uma noção de como a identidade indígena foi extremamente abalada. Apesar da obra desse autor enfatizar a convivência dos índios cristãos da Amazônia portuguesa nos séculos XVII e XVIII, não expõe significativamente como era o relacionamento dos portugueses com os indígenas do então rio Branco, e sim de outros espaços dominados pela Coroa lusitana na Região Amazônica.

---

<sup>1</sup> Mestrando (aluno especial) em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima – UFRR, Graduado em História pelo Centro Universitário Módulo de Caraguatatuba-SP – UNIMÓDULO, com Especialização em Metodologia da Educação no Ensino Superior - Facinter (concluindo o TCC)

Todavia para se entender o conceito de território e territorialização, bem como o conceito de poder, foram utilizados dois capítulos de *Por uma geografia do poder* de Raffestin (1993): o que é poder; e o que é território. E dando seguimento ao conceito de poder, Alberto Pereira dos Santos (2002) contribui para com a noção de poder religioso a nossa sociedade em *Introdução à geografia das religiões*.

Assim como o conceito de espaço foi brevemente exposto por Lenyra Silva, para o conceito de identidade, cita-se Mathias Le Bossé (2004) e Tomaz Tadeu da Silva (2000). O primeiro nos esclarece que identidade se percebe através das diferenças e das semelhanças abordado pela obra *As questões de identidade em Geografia Cultural*; o segundo, no entanto, em *Identidade e diferença*, enfatiza os sistemas simbólicos individuais e coletivos, onde versa que a diferença é motivo de exclusão, em muitos casos.

No livro *Povos indígenas, organizado* por Maria Aparecida Bergamaschi (2008), um artigo de sua autoria faz um balanço dos povos indígenas no Brasil e da sua contribuição para com a formação étnico-cultural brasileira, assim como as leis educacionais que oferecem a todos os povos indígenas uma educação a fim de que estes possam manter viva sua memória e não deixar de conquistar o espaço de cidadão como qualquer outro brasileiro. Em *Antropologia Cultural*, Luiz Gonzaga de Mello (2002), por sua vez, depois da exposição de Bergamaschi, esclarece o conceito de cultura, o qual pode ser estável ou dinâmico.

Para se ter uma noção de subsistência das tribos indígenas no estado de Roraima, na atualidade, e de algumas características capitalistas desses povos, teve-se a contribuição da obra *Geografia e História*, de Aimerê Freitas (2009). Assim, para melhor explicar os critérios de identificação indígena e as dificuldades encontradas em tal processo, Julio Cezar Melatti (2007), contribuiu com um capítulo de *Índios do Brasil*.

Portanto, o objetivo deste trabalho é mostrar como os espaços são criados e recriados de acordo com uma lógica temporal, política, econômica e religiosa, dando novo significado à cultura, à identidade e às questões sociais e religiosas dentro do estado de Roraima com ênfase nos povos indígenas. Além disso, tem também como objetivo aprofundar, em uma pesquisa futura, as mudanças e permanências culturais dos povos indígenas de Roraima mediante o contato com a religião cristã.

## ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO TERRITORIAL DE RORAIMA

Todo espaço tem sua própria característica onde se manifestam os relacionamentos humanos bem como suas atividades culturais. Entretanto, independente de o espaço ser ou não capitalista, a influência do capital sempre está presente nas relações sociais, sejam elas ideológicas, políticas, jurídicas, culturais, dentre outras. Não se pode, no entanto, imaginar o espaço somente aquele advindo da superfície da Terra, mas o espaço em movimento criado através do desenvolvimento da sociedade pelas relações sociais podendo, segundo Lenyra Silva, “ultrapassar a fronteira de uma comunidade, de um município, de uma cidade, de um estado ou de um continente”. (SILVA, 1991, p.25).

O estado de Roraima, que está localizado na fronteira norte do Brasil, tem seu espaço territorial organizado desde o século XVIII através de colonizadores holandeses e espanhóis, que por sua vez, estabeleceram relações nos moldes do pensamento europeu que influenciaram a cultura dos indígenas antes mesmo da chegada oficial dos ingleses e portugueses. (REPETTO, 2008).

Porém, a partir do momento em que as relações dos portugueses com os indígenas se constituíram, seria necessário para a metrópole eficiência para dominar o espaço assim como eficiência para dominar os habitantes (CARVALHO JÚNIOR, 2005). Para dar consistência ao domínio do território, foi necessário construir fortalezas militares e de aldeamentos<sup>2</sup> para os índios, pois a política da Coroa portuguesa tinha como propósito efetivar o domínio do território, explorar a mão de obra nativa e as riquezas naturais do local. Por isso, a religião foi a base ideológica utilizada pelas ordens religiosas para “domesticar” os índios e prepará-los para o trabalho (REPETTO, 2008), cujo “modelo

<sup>2</sup> As aldeias sofreram **aldeamento**, ou seja, os nativos foram “reeducados” pelos portugueses através do catecismo católico a fim de fazerem participantes de uma nova cultura e prepará-los para a mão-de-obra.

colonizador e civilizador dos europeus justificava-se através da ideia de salvar as almas dos gentios e torná-los vassallos e cristãos úteis”. (CARVALHO JÚNIOR, 2005, p. 3).

Portanto, reforçando a ideia de espaço e o que se espera deste, Lenyra Silva (1991), complementa com a seguinte citação:

O que cada momento espacial espelha é o resultado da produção: edificações para fins produtivos, para reprodução dos capitalistas e da força de trabalho, ou para serem ocupados pelos diversos fins institucionais privados ou públicos do Estado burguês. (SILVA, 1991, p. 26).

Assim, usando o poder de persuasão, os portugueses aquebrantavam os corações dos indígenas, para depois torná-los submissos ao objetivo pré-capitalista. Contudo, pode-se afirmar que depois da chegada dos colonizadores no extremo norte do Brasil, a região fluiu com um significado, pois segundo Milton Santos (1997, p. 116), “os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo, onde estão, novas características”.

Além disso, foi mediante ao processo educativo e essencialmente religioso que os indígenas foram “domesticados” e também utilizados, neste ambiente, para demarcar os limites dos territórios coloniais e nacionais.

Mas, ao decorrer dos tempos, a visão dos indígenas segue outros rumos conforme cita Repetto (2008):

Os indígenas questionam os efeitos negativos exercidos sobre suas organizações sociais, culturais, políticas e econômicas [...] Fazendas, retiros de gado, missões religiosas, escolas e internatos tornaram-se eficientes mecanismos de absorção, não apenas de mão-de-obra indígena, mas também de territórios, de almas e de cidadãos. (REPETTO, 2008, p.26)

Percebe-se, através desta citação de Repetto, que os povos indígenas questionam suas identidades em meio às situações adversas enfrentadas por estes nos diversos aspectos sociais. Não se deve, porém, acreditar que somente efeitos negativos foram contraídos pelos indígenas, mas com a chegada dos colonizadores conseguiram mudar o modo de viver mais organizado a favor de suas comunidades.

## **PODER NO TERRITÓRIO INDÍGENA**

De acordo com Raffestin (1993), o território se configura através do espaço, pois este ao ser apropriado é territorializado por meio de uma ação conduzida em qualquer nível. Para melhor entender como o território surge do espaço tem-se como exemplo, um produto (cadeira) que surgiu de uma determinada matéria-prima (madeira); ou seja, o espaço que até no momento não era habitado, assim que começa a ser explorado, vai se definindo por meio de sua condição, de seu habitat. É assim que surge o território como se este fosse o produto de uma matéria-prima, que é o espaço. E o que se reproduz no espaço demonstra o que se deseja de um território, de um local de relações.

Raffestin, no entanto, define o conceito de espaço da seguinte forma:

Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém como uma porção do espaço. A ação desse grupo gera, de imediato, a delimitação [...] Delimitar é, pois, isolar ou subtrair momentaneamente, ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa”. (RAFFESTIN, 1993, p. 153)

Portanto, as relações são marcadas pelo poder entre os membros de uma sociedade, onde seus frutos refletem em uma territorialidade. Territorialidade esta que conforme Raffestin (1993, p. 160) “pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”. Com esta definição, pode-se dizer que os indígenas têm absorvido características sócio-econômica-religiosa da sociedade predominante.

## **Poder político-econômico**

Ao tratar-se de um assunto sobre o “poder” tão relevante à sociedade e para a construção da sociedade, nem sempre soa bem pelo fato de a palavra “poder” representar atos e decisões. Porém há variações de poderes: um destes sujeita os cidadãos a uma situação preestabelecida por um conjunto de aparelhos e instituições, tendo como exemplo a soberania do Estado; já outro tipo de poder se encarrega de se manifestar no espaço criado pela presença, em muitos casos, por aparelhos ideológicos do Estado, que é o poder maior, e adentrar na sociedade influenciando o pensamento humano.

É possível perceber manifestação do poder através das relações, mesmo nem sempre sendo harmoniosas, surgem e manifestam suas intenções, baseado na aplicação de sanções físicas, controle de recursos materiais, ou manipulação de recursos simbólicos. Controlar a população, o território e os recursos são as ambições do poder e, principalmente, controlar a população, pois é dela de onde provém todo o poder. (RAFFESTIN, 1993).

Em Roraima, desde o período colonial até o republicano, o domínio sobre as populações indígenas tem causado vários conflitos interétnicos, e principalmente entre os séculos XIX e XX, pois uma nova situação de poder advinda de militares, fazendeiros, e religiosos, além de garimpeiros, subjugarão os indígenas. Já no século XXI a disputa pelo poder estatal, principalmente na relação com os povos indígenas tem sido disputada por diversos grupos representados por: governador; ex-governadores; deputados e senadores.

Todavia, um determinado grupo não apóia a demarcação das terras indígenas em área “contínua”. Para outro grupo, segundo suas intenções exploratórias quer que haja mineração nessas terras e ainda outro, apóia os fazendeiros. Estes grupos só investem nas terras indígenas em períodos eleitorais, não dando continuidade em seus projetos afetando seriamente as comunidades. (REPETTO, 2008)

Observa-se então que cada grupo age em conformidade aos seus interesses socioeconômicos em prol de seus próprios benefícios sem respeitar os valores advindos das comunidades indígenas. Vê-se, através desses conflitos, que a conquista do espaço ainda é alvo de interesses de vários grupos.

## **Poder religioso**

Ao tratar do conceito de poder percebeu-se que, em um dado momento, instigou certo interesse possessivo dos representantes governamentais, a fim de conquistar o espaço através do pensamento ideológico da doutrinas religiosas advinda do catolicismo. Assim sendo, segundo Santos (2002):

Religião e política sempre caminharam lado a lado no processo histórico. Ora houve separação, ora houve fusão entre ambas. No Brasil não foi diferente. Como se sabe, até 1889 o catolicismo era a religião oficial. Ainda que hoje essa religião não seja mais oficial, é inegável o papel que a Igreja Católica desempenha no cenário político nacional (e internacional). (SANTOS, 2002, p.30)

De acordo com esta citação houve um tempo de hegemonia da Igreja Católica no Brasil, mas segundo Alberto Pereira dos Santos (2002), é notório a pluralidade religiosa encontrada no espaço social brasileiro, e conseqüentemente o papel político desempenhado por ela, não havendo mais o monopólio de uma religião, pelo fato de o espaço religioso ter se tornado dinâmico, reflexo das transformações ocorridas no espaço social.

Ao se envolver com a população e o território, a religião toma certa dimensão geográfica, sendo esta visível ou invisível, o poder passa a girar em torno da fé ou da crença religiosa da população. Então é viável afirmar que dependendo da maneira como se dirige o poder à população, este se manifesta na luta por uma melhor moradia, reforma agrária, ou até ficar indiferente às questões sociais. (SANTOS, 2002).

Segundo Maxim Repetto (2008), a Igreja Católica durante muito tempo agiu no estado de Roraima como se fosse o próprio Estado. Pois foi incumbida por este de aldear índios e criar escolas e internatos de acordo com a estrutura de poder político estatal.

Depois que o Estado se tornou laico, não pode impedir que o poder religioso ou as religiões influenciem nos rumos da nação, pois segundo o artigo 5º, item VI, da Constituição Federal “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.” (SANTOS, 2002, p. 22).

Em Roraima, no entanto, segundo Repetto (2008), a Igreja Católica passou a agir em prol das populações indígenas, pois através da evangelização e da educação escolar buscaram inserir os índios ao contexto “cultural” da sociedade nacional, como veremos mais adiante.

## **INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA**

De acordo com Bossé (2004, p. 159), “a noção de identidade foi explorada pelo conjunto das ciências humanas e sociais, através de uma grande variedade de abordagens específicas ou interdisciplinares.” No entanto, vale ressaltar, que na perspectiva colonizadora, adquirir uma identidade “cristã” seria de suma importância para os ameríndios, sobrepondo ao termo genérico “índio”, pois ser cristão dava ao índio o direito de fazer parte da “civilização”. (CARVALHO JÚNIOR, 2005).

No que diz respeito à identidade, pode-se afirmar que a mesma está presente nos diversos grupos étnicos nas suas variadas formas, onde, em muitos casos, se veem como mais importantes que outros. (SILVA, 2009).

Nesse pensamento, cita-se Carvalho Júnior (2005):

(...) que a identidade é produto de contraste e é, portanto, dialógica e dinâmica. Se os europeus inventaram os “índios”, as inúmeras e distintas populações com as quais passara a se relacionar foram obrigadas a se enquadrar nesta nova categoria e se apropriar dela de forma particular. Portanto, os “índios” tinham “existência concreta” e passaram a agir e se autodenominar como tais. Além do enquadramento na visão que deles se tinha, afirmaram a sua diferença por contraste àqueles com quem foram forçados a conviver. (CARVALHO JÚNIOR, 2005, p. 1).

Percebe-se, então, que a identificação tem um sentido lógico, o de designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um, e a partir de então, se distinguir de outrem, ou num outro sentido, identidade pode dar ao indivíduo assim como para o grupo, a identificação na semelhança, tornando-se pertencente à comunidade, ao grupo ou à mesma ideologia. (BOSSÉ, 2004).

Portanto, de acordo com Tomaz Silva (2009), compreende-se que a identidade se constrói através da simbologia e das características sociais, sendo que tudo o que diverge, ou seja, é diferente, na construção da identidade é passível de exclusão pela sociedade. Pois é no sistema simbólico que nos mostramos quem somos ou aquilo em que podemos nos tornar, sendo representado e compreendido de acordo com um processo cultural, onde as identidades individuais ou coletivas e os sistemas simbólicos se manifestam trazendo à tona alguns questionamentos: “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?”. (SILVA, 2009, p. 17).

Segundo Bergamaschi (2008), existem mais de 230 povos indígenas no país, e estes contribuem, inevitavelmente, para com a diversidade étnico-cultural do país. Sendo que “cultura é este conjunto complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (LÉVI-STRAUSS<sup>3</sup> apud MELLO, 2002, p. 40).

Assim, diante de um método colonizador onde dizimou grande parte da população indígena no Brasil, ainda houve resistência destes povos durante o longo tempo em contato com os não-indígenas, pois é visível a presença de diversidades culturais no cotidiano de cada etnia existente nos dias atuais. E mesmo, passando por um processo de constante transformação em suas representações culturais, onde foram submetidos no decorrer dos séculos, mantêm-se firmes em sua identidade como “índios”.

<sup>3</sup> LÉVI-STRAUSS, Claud. *Antropologia Estrutural*, 1967, p. 397

Mas por que esses povos são até hoje denominados indígenas? Segundo dicionários da língua portuguesa, a palavra índio significa nativo, natural de um lugar. No entanto sabemos que essa designação advém de um erro náutico, quando em 1492, na viagem que Colombo empreendeu para as Índias e aportou na América, atribuiu aos habitantes desta terra a denominação genérica de índios, conservada até o presente. Porém, cada índio pertence a um povo, identificado por uma denominação própria [...] Cada um dos mais de 230 povos brasileiros gosta de ser reconhecido pelo seu nome próprio, entretanto todos reconhecem a importância de uma denominação que os identifique e os una nas lutas comuns como povos originários do Brasil e da América. (BERGAMACHI, 2008, p. 8-9)

De acordo com Freitas (2009), os índios de Roraima dividem-se em várias tribos e cada qual se difere com suas especificidades de acordo seus costumes, crenças e tradições. As principais são: Macuxi, Taurepang, Ingarikó, Patamona, Wapixana, Ianomâmi, Waiwai, Wairimiri-Atroari, Maionng ou Ye'kuna. Mas, segundo Henri Coudrean citado por Amazonas Brasil (2008, p. 13), em 1787, era 22 as tribos que habitavam a região do Rio Branco<sup>4</sup>.

Porém, estes que foram mencionados têm, cada vez mais, a partir do século XX, presenciado a influência dos não-índios em seu cotidiano. Um bom exemplo dessa influência se destaca na medicina e na educação. A medicina moderna contribui para a decadência da figura do pajé com sua função de curador de doença e a escola tem dado novo significado às diversas etnias, pois de acordo com Bergamaschi (2008), muitas aldeias adotam a escola como um meio de aprender o sistema de vida fora da comunidade e se inserir no cotidiano das sociedades. Desde a Constituição de 1988, é garantido o direito a uma educação escolar diferenciada nas aldeias indígenas, permitindo a estes o uso das línguas maternas e processos próprios de aprendizagens em suas escolas.

Em relação a outros estados, Maxim Repetto (2008 p. 44) nos relata que Roraima tem se destacado na educação indígena através de significativos investimentos nesta área, apresentando um bom resultado em relação ao número de escolas e de professores indígenas, bem como ao projeto de formação dos professores desses pela Universidade Federal de Roraima no Instituto Insikiran que oferece o curso de Licenciatura Intercultural para professores indígenas.

### **Meios de identificação indígena**

Conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>5</sup> de 2010 é aproximadamente cinquenta e seis mil a população indígena do estado de Roraima. Dentre esses, apesar de poderem usufruir das terras demarcadas, uma boa parcela tem acesso aos aparelhos estatais, outros moram em área urbanizada e pode se perceber, ainda que de forma lenta, ganhando espaço em várias áreas do trabalho. Uns casaram com não-índios e constituíram uma família mestiça.

Este relato acima é para demonstrar a dificuldade que se tem em distinguir o índio do não-índio, pois segundo Melatti (2007, p. 32), durante o processo de estruturação do país, que já passa dos quinhentos anos, as comunidades indígenas “adotaram uma série de instrumentos, de hábitos e crenças dos “civilizados”, como: ferramentas, instrumentos agrícolas, dinheiro, vestuário, crenças cristãs”.

Dando continuidade ao problema de identificação são apontados os critérios que se usam para distinguir os indígenas dos demais grupos sociais. O critério racial, o qual é evidenciado pelos caracteres físicos; o critério legal, no qual atende as peculiaridades indígenas de acordo com a lei; o critério cultural, que abrange a linguagem, os costumes, as crenças, os hábitos; o critério do desenvolvimento econômico; e por fim, o critério de identificação étnica.

Todavia, os critérios apontados nem sempre são de fácil aplicação, pois há uma grande parcela de indígenas que vivem no campo ou na cidade sem ao menos ter contato com indígenas, somente o traço biológico que os distingue dos demais. Por outro lado há brancos ou negros vivendo em aldeias,

<sup>4</sup> Denominação adquirida por estar atrelada ao rio que corta a região. Esteve ligada ao estado do Amazonas até 1943 quando foi criado o Território Federal do Rio Branco. Em 1962 passou a ser chamado Território Federal de Roraima, e por último elevado à categoria de Estado de Roraima pela Constituição Brasileira de 1988.

<sup>5</sup> IBGE

sem ter ascendência nenhuma dos indígenas, onde mais uma vez, é a aparência que os distingue uns dos outros. (MELATTI, 2007).

## CARACTERÍSTICAS CAPITALISTAS ENTRE OS INDÍGENAS

Para muitos, o índio ainda é um termo pejorativo, ou seja, é estereotipado por uma visão preconceituosa e discriminatória. Alguns os veem como um indígena ingênuo inserido na natureza. Já para outros, o indígena é desumano, violento e preguiçoso, empecilho para o progresso. (BERGAMASCHI, 2008).

Porém, segundo Freitas (2008), os indígenas de Roraima têm se mostrado cada vez mais impregnado das características do mundo capitalista. Os macuxi vendem no mercado seus *Compact Disc* (CDs) gravados em sua própria língua. Cultivam vários produtos alimentícios como: banana, mandioca, milho e mamão. Praticam também a pecuária e a rizicultura, tendo esta última sofrido um processo de mecanização, em algumas malocas. Tão importante é para Roraima que o macuxi se tornou sinônimo para a denominação do povo roraimense. Já os taurepang não se contentam em produzir somente para a subsistência, pois o comércio desta etnia é bem desenvolvido e o excedente de sua produção é utilizado para comprar ferramentas, armas e munições.

Tudo isso, conforme Tomaz Silva (2009), é fruto de um mundo globalizado onde os fatores econômicos e culturais se interagem causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as identidades conseqüentemente se inovam e também se globalizam, podendo, neste caso, levar o distanciamento relativamente à comunidade e à cultura local.

O comportamento frequente dos membros de uma comunidade, bem como sua maneira de pensar e reagir emocionalmente, das quais foram instruídos ou adquiridos através da imitação do comportamento de outrem, seja este, em maior ou menor grau, classifica-se como cultura. Portanto, a cultura pode ser estável quando a tradição se evidencia através de regras de padrões comportamentais adquiridas de seus antepassados. E também, pode ser dinâmica por meio da própria natureza da aprendizagem onde há uma transformação lenta e constante no comportamento individual provocando uma modificação significativa na conduta de todos. (MELLO, 2002).

Completando o pensamento de identidade e sua dinamização social menciona-se Tomas Tadeu da Silva (2009):

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares do mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento (SILVA, 2009, p. 25).

Portanto, trabalhar conceitos de identidade não é uma tarefa fácil, principalmente quando se menciona os indígenas e a atuação destes num mercado onde tradicionalmente foge às regras de povos que vivem em comunidade.

## RELIGIÃO EM UM NOVO FORMATO

No século XX, Roraima continua sendo palco de conflitos ideológicos conforme Maxim Repetto (2008). De um lado, a Igreja Católica disputando com várias entidades a defesa e a tutela dos índios, e de outro, as Igrejas Evangélicas pregando uma convivência mais tranquila entre índio e não-índios. Antes, a mesma Igreja (Católica), que assumira a tarefa de aldeamento dos indígenas e subjugava-os a uma nova cultura, massacrava e deixava-os a mercê dos criadores de gado, passou, na década de 1970, a defendê-los. Segundo Cirino<sup>6</sup> citado por Repetto (2008, p. 61), “a posição dos missionários católicos oscilou entre o respeito à cultura indígena e a forte pressão para se integrarem à estrutura nacional”.

<sup>6</sup> CIRINO, Carlos Alberto Marinho. *A Boa Nova na Língua Indígena*: contornos da evangelização dos wapischana no século XX. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) PUC/SP

Em Roraima, as missões católicas conseguiram, em alguns casos, fazer com que os indígenas se tornassem seus parceiros. A teologia da libertação tem sido a motivação para atuarem a favor dos índios, dando a estes força para contestar as investidas anti-indigenistas do Estado, no qual provocou uma mudança social bem como o surgimento dos movimentos indígenas, sem deixar de lutar pela ideologia do catolicismo no meio dos nativos. Atuando de acordo com princípios da teologia da libertação, a Igreja Católica não deixou de sofrer denúncias, pois é acusada de “fomentar os conflitos, de incitar índios contra brancos e de estar a serviço de organismos internacionais pelo minério que aí existe”. (REPETTO, 2008, p. 61-66).

Maxim Repetto (2008) continua a discorrer sobre o papel da religião na formação ideológica dos indígenas, onde descreve a atuação das Igrejas Evangélicas, que segundo ele, diferentemente da Igreja Católica, não tem incitado os indígenas a lutarem contra os brancos e sim a conviverem de forma mais harmoniosa entre eles. A argumentação dos evangélicos, segundo o autor, é de que “o reino de Deus está no outro mundo”, portanto, as questões territoriais são deixadas de lado dando prioridade às questões espirituais.

Porém, segundo Carlos Borges da Silva<sup>7</sup> citado por Repetto (2008, p. 71) na mesma obra, os protestantes influenciaram de forma significativa na religião dos indígenas provocando nestes a perda das referências mitológicas em “favor de uma religião alienígena, transformando-os em seres passivos, onde são mais facilmente integrados à sociedade nacional por desconhecerem a importância das referências do grupo para a afirmação de suas identidades”. E dando continuidade para fundamentar as concepções de identidade, Carlos Borges da Silva também analisa o impacto da Igreja Católica, que segundo ele, “serviu para aumentar a dignidade do índio, sobretudo influenciando na criação de um órgão de representação indígena em Roraima”.

Assim, pode-se afirmar que as igrejas evangélicas se diferem uma da outra nas práticas religiosas. Determinada denominação se preocupa em manter viva a cultura indígena respeitando suas tradições, assim como ampará-los em sua terra. Já outra denominação proíbe uma série de hábitos indígena, como caxiri<sup>8</sup>, enfeites e festas. Ainda outra proíbe cantar dançando, cantar alto, e outras práticas festivas e encontros comunitários.

Nesta abordagem, Repetto (2008), afirma que:

Nos últimos anos, se constitui uma prática comum a presença de grupos de animação, formados pelos alunos das escolas que, orientados pelos professores, cantam, dançam e representam ritos e histórias da cultura indígena. Isto faz parte do movimento de valorização cultural e tem substituído, em parte, os ritos católicos (oração de início, leitura de partes da bíblia), por danças e cantos em língua indígena, e até pajelanças e ações de purificação com defumação. (REPETTO, 2008, 124)

Nesta última citação pode-se perceber o quanto a educação é capaz de transformar a identidade de uma pessoa, de um grupo, de uma comunidade. A educação laicizada tem como objeto valorizar a cultura de seus ancestrais e até combater outras manifestações, que, por sua vez, ganharam espaço na cultura indígena há muito tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa ajudou a fomentar o interesse em discutir a produção do espaço, principalmente, através dos embates religiosos na cultura indígena do estado de Roraima onde a cultura de grupos mais dinâmicos ao se entrecruzarem com a cultura mais conservadora, a tendência é modificar a maneira de agir, falar e pensar desse grupo conservador.

<sup>7</sup> Na contestação da proposta de demarcação contínua de terras indígenas promovida pela FUNAI, o antropólogo Carlos Borges da Silva (1996), que realizou laudo contra a demarcação contínua da TI Raposa Serra do Sol, em defesa dos interesses do Governo Estadual.

<sup>8</sup> Bebida feita à base de mandioca ou de milho fermentado

No dinamismo que há quando as culturas se entrecruzam, é viável afirmar que são vários os aspectos que podem ser aprofundados em sua particularidade: identidade, religião, espaço e educação indígena.

Nesta, vê-se a variação ideológica de acordo com a época e as necessidades humanas. Pode-se também observar que não há ingenuidade nenhuma entre os indígenas, como algumas pessoas assim os classificam. É claro que não se pode descartar a função da Igreja Católica na formação dos movimentos indígenas.

No que diz respeito ao ser empecilho para o progresso, como alguns dizem que assim é o povo indígena, abre espaço, para se fazer julgamento de valores, e discutir de fato, o que é progresso nestas últimas décadas do mundo contemporâneo.

Portanto, através da apresentação dos autores mencionados neste, ficou evidente a distinção das atividades católicas no meio indígena em relação às atividades protestantes no mesmo espaço, além da evidente “luta” pelo espaço religioso entre as diferentes igrejas protestantes. Mesmo assim, o grupo de etnia indígena tem sua própria cultura, está sempre buscando meios a não interferência de outras culturas para não perder o foco de suas origens, ou seja, suas identidades étnicas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Amazonas. Os filhos de Macunaíma. In: **Roraima e a questão indígena**. Boa Vista, RR: Editora Boa Vista, 2008.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Povos indígenas: conhecer para respeitar. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.) **Povos indígenas e educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008. 160 p. (Série Projetos e Práticas Pedagógicas)

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em Geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 157-179.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. **Índios Cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia Portuguesa (1653-1769)**. Campinas, 2005. Tese (Doutorado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000348218&fd=y>> Acesso em: 31 jan. 2012.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e História de Roraima**. 7. ed. rev. e ampl. Boa Vista, RR: IAF, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População Indígena do estado de Roraima (Censo demográfico 2010)**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rr&tema=censodemog2010\\_indig\\_univer](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rr&tema=censodemog2010_indig_univer)> Acesso em: 25 abr. 2012.

MELATTI, Julio Cezar. Identidades indígenas. In: **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. P.31-42

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REPETTO, Maxim. Agências e políticas indigenistas em Roraima. In: **Movimentos Indígenas e Conflitos Territoriais no Estado de Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

SANTOS, Alberto Pereira dos. **Introdução à geografia das religiões**. GEOUSP, Espaço e Tempo, São Paulo, N° 11, pp.21-33, 2002. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp11/Geousp11\\_Santos.HTM](http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp11/Geousp11_Santos.HTM)> Acesso em: 19 maio. 2012

SANTOS, Milton. O tempo (os eventos) e o espaço. In: **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 1997, p. 114-133.

SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) HALL, Stuart; WOODWAR, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 133p.